

A cinematografia portuguesa

Uma grande obra que será réclamada a seu tempo

PORTUGAL, este formoso cantinho occidental tão cheio de sol e de beleza parece despertar para as grandes realizações da cinematografia. Até agora, limitava-se a vêr os trabalhos dos estrangeiros e a dar a sua opinião nem sempre segura. Se um ou outro individuo mais ou menos audacioso se lembrava de filmar qualquer assunto, usava dizer-se com um tal ou qual desdém:

— Ha de sair obra açada! Estas coisas fazem-se bem, mas é lá fóra. Vocês lembram-se da «Madame Tallien» que a Lyda Borelli desempenhou com tanta alma? Aquilo é que era um filme! E então a gente que metia? Quantos milhares de pessoas? Quando é que em Portugal se poderia realizar aquilo tudo?

E não se saía disto. Só no estrangeiro se fazia bom, só no estrangeiro é que havia espirito de iniciativa... Felizmente, Portugal desperta e, dentro em breve, (temos essa esperança) alguma coisa boa ha-de ficar.

Havia tambem a mania de se atribuir a qualquer realização uma despeza fabulosa e daí ser a América a detentora de todas energias. Chegou a supôr-se que Douglas Fairbanks e Mary Pickford viviam numa casa de alabastro com telhados de oiro e pedras preciosas...

Pois em Portugal surgirão, dentro em breve, grandes realizações que andarão, não sobre dollares redondinhos e scintilantes, como á primeira vista poderia supôr-se, mas sobre a ferrea vontade de quem trabalha e estuda sem desfalecimentos.

Falamos, ha dias, com o illustre engenheiro José Branco Gomes Ba-

rata que ha dez anos trabalha incessantemente em produções cinematograficas, isolado no seu êrmo e desdenhoso por todos os réclamos aparatosos que apenas servem para guindar os pretenciosos falhados. Dotado duma vontade indomavel,



O franco sorriso dum velho português, focado pela objectiva do engenheiro Gomes Barata

profundou os minimos segredos da cinematografia.

Dentro em breve, os cinefilos portugueses poderão admirar algumas das películas já iniciadas por este illustre realizador português que apenas conta com o seu esforço, com o seu talento, com a sua

boa vontade e com a dedicação dum punhado de dedicações de pessoas amigas e energicas. Damos esta informação aos nossos leitores, lamentando não podermos ir mais longe, visto o proprio engenheiro Gomes Barata nos ter proibido qualquer informação mais completa e detalhada. Limitamo-nos, por hoje, a publicar um pedaço duma sua pelicula regionalista que causará a maior sensação.

E' que este realizador perserverante tem por lêma apresentar obras palpaveis e concretas sem os réclamos antecipados que preparam o espirito do publico. Muitas e muitas vezes temos visto anuncios de constituição de empresas gigantescas a que se acolhem videirinhos que, á falta de talento, apresentam como solução de dificuldades um capital hipotetico. Esses anuncios salientam maravilhas orientais, coisas deslumbradoras, prodigios emocionantes que todo o mundo aguarda com ansiedade e continuará aguardando através dos seculos sem fim. Seria o mesmo — Deus nos perdoi! — que imaginar a inauguração duma grande fabrica de cerveja para cuja realização contassem apenas com os rótulos para as garrafas. Bom papel, optimamente impresso a côres e com relêvo. «Cerveja Cometa» por exemplo... A melhor do mundo, etc., etc.

O diabo é que ninguem sabe onde ir buscar as maquinas, a cevada, o lupulo, o pessoal e a casa para instalar a fabrica... No entanto, existem os rotulos...

Eis a razão porque o engenheiro Gomes Barata reserva o seu reclamo para a ocasião da exhibição das suas obras.

Aguardemos, pois.